

8 nov. 51

DA ITÁLIA

Roma, outubro — Pela segunda vez encontro o mexicano Siqueiros no bar do meu hotel; ele está esperando Guttuso, que vai levá-lo a uma reunião de artistas. Pergunta-me se vi a exposição de Guttuso. Respondo que sim; que achara belos e fortes os esboços para as batalhas garibaldinas, admirara muito um caderno de desenhos e apontamentos, e ainda um nu, e um desenho grande representando um trabalhador. Mas seus quadros a óleo mais recentes me chocaram; o mais falado dentre eles, "Uomo che mangia pasta asciutta", que pretende ser um expoente da nova pintura néo-realista, me pareceu abaixo de qualquer crítica séria de pintura. Siqueiros não se espanta com minha opinião, mas se furta a dar uma opinião sobre o quadro; apenas diz que na verdade muitos dos esboços são melhores que os quadros, como os desenhos do caderno são melhores que o "Toro mughiante nella campagna romana". Diz que Guttuso já provou ser um bom pintor, conhecedor de seu "metier", e o que ele faz no momento deve ser visto como uma tentativa, e como uma reação ao abstracionismo. (Note-se, de passagem, que na Itália a interferência das questões políticas nas discussões sobre arte é menos apaixonada que no Brasil; conheci vários abstracionistas que são comunistas ou pró-comunistas e defendem sua posição artística juntamente com sua atitude política.) Digo-lhe que conheço Guttuso em várias fases (ele é ainda jovem, e versátil) e que também não morro de amores pela arte abstrata, que me parece um lindo beco sem saída e, para falar com franqueza, mesmo em Paul Klee, que para mim ainda é o melhor de todos, uma arte menor, embora capaz de produzir obras excelentes. Mas aquele néo-realismo romântico (Siqueiros estranha a palavra, mas eu a defendo: refiro-me a um romantismo social, muito comum hoje) de Guttuso, em que é sensível o desejo de conquistar a compreensão e o gosto da multidão, me parece ruim desde o momento em que ele abdica de suas qualidades de pintor. Como pintura, aquele camponês, ou foragido siciliano, que come espaguete a um canto da mesa, me parece mais do que suspeito, ruim; me parece mesmo má pintura acadêmica de anedota; não tem nada que justifique a existência de uma arte chamada pintura em uma época em que a fotografia a cores já realizou progressos interessantes.

Siqueiros comenta que os pintores, na Itália e na França, sofrem a influência de condições sociais e econômicas desfavoráveis; na Itália, me diz, há 40 colecionadores de quadros e, entre milhares, apenas 30 pintores que vivem exclusivamente de sua arte. Acha que a pintura francesa sofre a "influência bastarda" do comprador norte-americano. No México, ele diz, nós tomamos parte em uma revolução popular; por esse motivo ou pela sua própria força, como expressão de uma tradição indígena e de um sentimento popular, a pintura mural adquiriu uma importância capaz de fazê-la respeitada e de impô-la. Na Europa... mas Guttuso chega apressado, e o resto da conversa fica para depois.